

A INFLUÊNCIA DOS BISPOS ROMANIZADORES NO CONTROLE DAS DEVOÇÕES E FESTAS DA IGREJA CATÓLICA NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 1880 E 1916

Raquel Ramos Pimentel

Mestre em Artes Visuais

Conservadora/Restauradora

Universidade Federal do Espírito Santo

raquelrpimentel@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a atuação dos bispos Dom Pedro Maria de Lacerda, Dom João Batista Corrêa Nery e Dom Fernando de Souza Monteiro no controle das devoções e festas no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 1880 e 1916, durante o processo de romanização da Igreja Católica. Visando a implantar uma religiosidade mais ortodoxa e exercer maior domínio sobre os leigos, esses bispos adotaram estratégias de repressão às festas e imagens de devoções populares e incentivaram cultos de origem europeia. A pesquisa foi baseada na documentação primária, produzida durante o episcopado dos três bispos, abrangendo, também, livros de visitas, cartas e periódicos da época.

Palavras-chave: Romanização, Bispos, Irmandades, Festas religiosas, Imagens.

A romanização, segundo Santirocchi, é um movimento de reforma eclesiástica, também conhecido como ultramontanismo, ocorrido entre a segunda metade do século XIX e a terceira década do século XX, a favor do fortalecimento da autoridade papal e contra o clericalismo liberal, o regalismo imperial e as novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa. A origem dessa expressão está relacionada com a linguagem eclesiástica medieval, que definia como ultramontanos todos os papas não italianos eleitos.¹ Esse movimento entrou em conflito com diversas práticas religiosas populares herdadas da tradição lusitana.

48

O objetivo desta comunicação² é analisar a atuação dos bispos Dom Pedro Maria de Lacerda, Dom João Batista Corrêa Nery e Dom Fernando de Souza Monteiro no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 1880 e 1916, durante o processo de romanização da Igreja Católica. Visando a implantar um catolicismo mais ortodoxo e exercer maior domínio sobre os leigos, esses bispos adotaram estratégias de repressão às festas e imagens de devoções populares e incentivaram cultos de origem europeia.

Neste sentido, a atuação dos três bispos vai aos poucos tentando implantar um modelo de espiritualidade centrado no cumprimento dos sacramentos, em substituição ao caráter laico e festeiro praticado até então pelas irmandades religiosas.

Dom Pedro Maria de Lacerda (FIG. 1)

Foi bispo da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, então capital do Império Brasileiro, entre 1869 e 1890.³ Exerceu atividade eclesiástica nas províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Lages em Santa Catarina e parte de Minas Gerais.⁴ Lacerda visitou a província do Espírito Santo em duas ocasiões, com

¹ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades*, n. 2, p. 24, ago./set. 2010. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=174>> Acesso em: 6 mar. 2012.

² Essa comunicação é parte da dissertação de mestrado desta autora, defendida em 2012, junto ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada *Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Serra-ES: Igreja e religiosidade no contexto da romanização católica (1880-1916)*, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Correia Leandro Pereira.

³ CARNIELLI, Adwalter Antônio. *História da Igreja Católica no Estado do Espírito Santo: 1535-2000*. Vitória: Gráfica e Editora Jep Ltda. 2005. p. 287.

⁴ LACERDA, D. Pedro Maria de. *Diários das Visitas Pastorais de 1880 e 1886 à Província do Espírito Santo*. Vitória: Phoenix Cultura, 2012. p. 30.



Figura 1: D. Pedro Maria de Lacerda. Fonte: NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. *Diários das visitas pastorais de 1880 e 1886 à província do Espírito Santo*. Vitória: Phoenix Cultural. 2012

roteiros distintos. Em 1880-1881, percorreu a região próxima à Capital e os territórios do norte e, em 1886-1887, examinou os municípios do sul do Estado.⁵

49

A Visita Pastoral era a oportunidade na qual o bispo podia conferir de perto o comportamento dos paroquianos, pois a prática dos sacramentos era obrigatória. O seu exercício era proibido aos católicos que não obedecessem aos mandamentos da Igreja, e essa proibição era vista como forma de controle de um catolicismo mais romanizado. Cabia ao bispo autorizar os casamentos, os padrinhos de batismo e de crisma. Assim, Lacerda iniciava sua pregação nas matrizes e capelas visitadas, anunciando que não permitiria que fossem padrinhos os amancebados e os membros de sociedades secretas, como a maçonaria.⁶

Na província capixaba, esse bispo encontrou, em diversas localidades, uma população que classificou como ignorante, cheia de crendices, superstições e descuidada nas práticas religiosas – comportamento que atribuiu tanto à falta de sacerdotes, como também ao mau desempenho de alguns padres que mantinham concubinas e filhos.⁷

Em 1880, nos meses de julho e agosto, durante a visita à freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra, município que havia permanecido 68 anos sem a visita de um bispo,⁸ D. Pedro Lacerda relatou algumas formas de vivência do catolicismo popular. Em seu diário de visita, ele afirma que os ritos destinados ao batismo muitas vezes tomavam ares de festa, quando Nossa Senhora era escolhida como madrinha de batismo. A população, acompanhada da coroa de Nossa Senhora, buscava a criança em casa e a levava até a igreja em procissão, seguida pela banda de música local e em meio a fogos de artifício. O costume de escolher madrinhas ou padrinhos sagrados era muito comum no catolicismo brasileiro dos séculos XVIII e XIX, embora não fosse previsto nas Constituições Primeiras do

⁵ Ibidem, p. 40.

⁶ LACERDA, D. Pedro Maria de. *Livro de Visitas Pastorais feitas às freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Serra e Nova Almeida, 1880*. Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES. p. 52.

⁷ _____, p. 44.

⁸ _____, p. 71.

Arcebispo da Bahia. Nos livros de batismo da Serra, entre 1880 e 1888, na maioria dos registros, constam que crianças foram batizadas por Nossa Senhora ou outros santos, como Sant'Ana Mestra, São Benedito e São Sebastião.⁹

O bispo demonstrou também, em seu diário, muito interesse em relação aos hábitos da população do Espírito Santo, especialmente ao aprendizado dos costumes e das línguas indígenas. No entanto, era severo no que dizia respeito à devoção que os índios mantinham por São Benedito. Durante sua visita, em setembro de 1880, no distrito de Fundão, pertencente à freguesia dos Santos Reis Magos da Vila Nova de Almeida, os índios, que eram a maioria da população, pediram autorização para reedificar sua capela dedicada a São Benedito. A capela seria construída em um extenso morro, que levava o nome desse santo e que fora doado por um rico fazendeiro da região. Lacerda respondeu que, apesar de admirar a grande devoção dos índios a São Benedito, eles já tinham capela dedicada a esse orago e que, como bispo, desejava que a nova capela, assim como o sítio, recebesse o nome do Sagrado Coração de Jesus.¹⁰

Apesar de contrariados, os índios acabaram cedendo à pressão do bispo. Assim, foram preparados os papéis de doação do morro, nos quais ficou declarada a obrigação da edificação de uma capela em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Contudo, tentando remediar a situação e agradar aos índios, Lacerda fez com que constasse no documento que, na capela, haveria um altar, nicho ou imagem de São Benedito.¹¹

No distrito de Cachoeirinho, pertencente à freguesia de Nossa Senhora da Penha, na vila de Santa Cruz, o bispo fez práticas enérgicas contra as festas de São Benedito em outubro de 1880. A pequena igreja dedicada a esse orago, única da região, não estava rebocada, nem caiada, não possuía capela-mor, altares, torres nem sino. Considerou também “indecentes” a maioria das imagens por estarem quebradas, enquanto a imagem de São Benedito, que era “pequena e feia”, estava coberta por cordões de ouro.¹²

O bispo atribuía à devoção a São Benedito o desmazelo com o patrimônio das igrejas, a ignorância e a pouca fé. Deixou evidente o seu desagrado diante das homenagens feitas a esse santo, tais como: promessas, esmolas em dinheiro e ouro e festas com batuques, regadas a muita cachaça.¹³ Em seu modo de ver, o comportamento dos índios e de outros paroquianos nas festas de São Benedito contrastava com os ideais de decoro propostos pela Igreja.¹⁴

Na medida em que censurava a devoção a São Benedito, elogiava o culto ao Sagrado Coração de Jesus, como ocorreu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, da vila de Guarapari. Essa freguesia que, naquela época, não tinha pároco, foi visitada pelo bispo nos meses de maio e junho de 1886.

Em Guarapari, os paroquianos haviam abandonado a velha matriz de Nossa Senhora da Conceição, edificada em 1751,¹⁵ e construído uma nova igreja em honra ao Sagrado Coração de Jesus, que passou a funcionar como matriz. Lacerda reprovou tal feito durante uma missa realizada na igreja, dizendo que ninguém, a não ser o bispo, poderia mudar o local da matriz, afirmando que o melhor teria sido utilizar o dinheiro para reformar a antiga igreja. Sua contrariedade não se prolongou muito, pois, ainda durante a missa, parabenizou os paroquianos por serem uma das primeiras povoações do mundo a levantar um templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, dizendo que Roma e Paris ainda estavam construindo suas igrejas em homenagem a esse orago.¹⁶ Também elogiou o comportamento dos fiéis que compareceram a todos os atos religiosos e a bela arquitetura da igreja de Guarapari, que era pequena, mas estava bem cuidada com bons altares e imagens, apesar de o povo ser pobre.

⁹ LIVRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA SERRA (1881-1888). Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES. p. 84-125.

¹⁰ LACERDA, 2012, p.127-128.

¹¹ ———, p. 128.

¹² ———, p. 175.

¹³ ———, p. 128.

¹⁴ ———, p. 312.

¹⁵ ———, p. 312.

¹⁶ ———, p. 314-315.



Figura 2: D. João Batista Corrêa Nery. Fonte: CARNIELLI, Adwalter Antônio. História da igreja católica no Espírito Santo 1535 2000. Vitória: Gráfica e Editora Jep. 2005.

O comportamento ora complacente, ora inflexível do bispo demonstra o contexto conflituoso em que se encontrava inserido. Lacerda estava ao mesmo tempo legitimado e atado pelo poder temporal, visto que não conseguia sequer preencher as vagas de párocos nas freguesias, por falta de padres, pois a formação de novos religiosos era atravancada pelo Governo Imperial.

Dom João Batista Corrêa Nery (FIG. 2)

Após a emancipação do Espírito Santo do bispado do Rio de Janeiro, D. João Batista Corrêa Nery tornou-se o seu primeiro bispo, em 1897, mantendo-se nessa diocese até 1901.¹⁷

A atuação de D. Nery abarca uma fase de grande transformação na vida política e religiosa do País. Com o fim do regime do Padroado e início da República, a Igreja ganhou independência do Estado, mas passou a ter que suprir suas próprias necessidades materiais.

Além dos problemas econômicos, o bispo encontrou a diocese do Espírito Santo desorganizada, com sacerdotes envolvidos com política partidária e concubinato, irmandades religiosas indisciplinadas, igrejas vazias aos domingos, na capital, Vitória, e também nas cidades litorâneas, bem como o aumento da população devido à imigração germânico-italiana.¹⁸

D. Nery foi um grande incentivador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à Nossa Senhora Auxiliadora, fundando associações religiosas de mesmo nome em quase todas as freguesias do Espírito Santo.¹⁹ A organização das associações do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora ocorreu de modo completamente diferente da forma adotada pelas antigas irmandades, uma vez que eram confrarias

¹⁷ BRITO, Eliana Maria. *A romanização no Espírito Santo: D. João Nery (1896-1901)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História)_Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 16.

¹⁸ CARNIELLI, 2005, p. 301.

¹⁹ LIVRO DE VISITAS PASTORAIS DOS BISPOS DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY (1897 1900) E DOM FERNANDO SOUZA MONTEIRO (1902-1905), livronº 104. p. 1-176.

femininas, fundadas e dirigidas por bispos e padres, enquanto as outras eram autônomas e, na maioria das vezes, mistas.²⁰ Segundo Sandra Nui Assano, as associações femininas têm importância fundamental no processo de romanização que utiliza a “[...] cooptação das mulheres como auxiliares dos sacerdotes”. A assistência das associadas nas paróquias é responsável pelo movimento que alguns estudiosos denominaram “feminização do catolicismo”, demonstrado nas ações pastorais, educacionais e assistenciais desenvolvidas.²¹

Assim como o seu antecessor, D. Nery, em uma tentativa de acabar com as antigas práticas populares, incentivava a substituição de devoções populares pelas de origem europeia, que deveriam ser imitadas na vivência cotidiana dos devotos como modelos de virtude. No povoado de Santa Joana, pertencente à freguesia do Alto Guandu, quando a capela matriz de São Sebastião foi substituída por uma igreja mais ampla em 1899, o bispo interveio solicitando que o orago da nova igreja fosse trocado pelo de Nossa Senhora Auxiliadora. Ordenou que a antiga capela deveria continuar existindo apenas como “recordação histórica”.²²

A ação de D. Nery sobre as devoções populares se estendeu também ao acervo iconográfico das igrejas da diocese do Espírito Santo, como uma reprodução do que ocorria nas igrejas brasileiras de modo geral.

Além das recomendações para que fossem substituídas ou reformadas imagens em mau estado de conservação, conforme ordenavam as Constituições do Arcebispado da Bahia, em algumas paróquias, esse bispo mandou retirar de culto imagens de devoção popular, sem nenhuma justificativa convincente. Na igreja de São João Batista de Cariacica, D. Nery ordenou o afastamento do altar-mor da imagem do Divino Espírito Santo, alegando que esta era “imperfeita”,²³ o mesmo motivo que declarou para remover da matriz de Cachoeiro de Itapemirim esculturas do altar de São Sebastião. Nesta última igreja, recomendou que a imagem de Nossa Senhora da Conceição fosse novamente encarnada, enquanto a de Nossa Senhora das Dores deveria ser guardada e substituída por outra, isso sem alegar motivo algum.²⁴

A retirada das imagens dos santos populares dos altares principais para trancá-las em armários e a transferência para locais de menor visibilidade foram estratégias usadas pelos religiosos ultramontanos visando a purificar o catolicismo de seus aspectos considerados supersticiosos e exercer maior domínio sobre os leigos. As novas devoções trazidas pelas congregações de origem europeia, que substituíram as devoções populares, reproduziram nas paróquias, por intermédio das associações do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora, uma religiosidade mais comprometida com o projeto romanizador, mais ortodoxa e submissa à hierarquia eclesiástica.

Dom Fernando de Souza Monteiro (FIG. 3)

Foi o único dos três bispos que nasceu no Espírito Santo. Assumiu essa diocese em 1902, permanecendo até 1916.²⁵ Durante parte do seu episcopado, observamos uma aproximação da Igreja com o governo estadual, intensificada durante o mandato de Jerônimo Monteiro, seu irmão, pautada na idealização do modelo europeu de sociedade, que visava à purificação e uniformização das crenças religiosas, como também à limpeza e ao embelezamento das cidades.

Os festejos religiosos populares, que já vinham sendo desprestigiados, passaram a sofrer uma repressão ainda maior por parte dos dois Poderes, que os relacionavam com a ocorrência de crimes, vadiagem e principalmente com a insegurança pública.²⁶

²⁰ Ibidem, p. 44.

²¹ ASSANO, Sandra Nui. Associação das Filhas de Maria: práticas religiosas e a construção de corpos femininos e castos em Diamantina/MG (1875-1902). *Em Tempo de Histórias*, n. 7, p. 2, 2003.

²² LIVRO DE VISITAS PASTORAIS DOS BISPOS DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY (1897-1900) E DOM FERNANDO SOUZA MONTEIRO (1902-1905), p. 40-137.

²³ Ibidem, p. 31.

²⁴ LIVRO DE PORTARIAS E ORDENS EPISCOPAIS (1897-1913), Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES, livro n. 61. p. 54.

²⁵ CARNIELLI, 2005, p. 311-313.

²⁶ ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo, Fapesp, 1999. p. 219.



Figura 3: D. Fernando de Souza Monteiro. Fonte: CARNIELLI, Adwalter Antônio. *História da igreja católica no Espírito Santo 1535 2000*. Vitória: Gráfica e Editora Jep. 2005.

No Espírito Santo, as festividades religiosas promovidas pelas irmandades, como as festas do Divino em Carapina e as de São Benedito na Serra e em São Mateus, foram as que sofreram maior repressão. O padre Mathias Esser, responsável pela paróquia de Carapina, enviou uma carta a D. Fernando, na qual relatava “os horrores” dessa festa e pedia providências contra tais desmandos. De acordo com o padre, desde a véspera, devotos munidos de bandeira e “salva de prata” saíam de porta em porta esmolando, cantando e reunindo adeptos para a “folia escandalosa”. No ano de 1905, o bispo não só proibiu os festejos, como também ordenou aos vigários que recolhessem todas as bandeiras encontradas.²⁷

53

Também em 1905 D. Fernando reduziu para três as procissões religiosas realizadas anualmente em Vitória, justificando, entre outros motivos, a falta de decoro e respeito necessários às solenidades religiosas.²⁸ Assim, foi mantida a procissão do Senhor Morto na Sexta-Feira da Paixão; a de *Corpus Christi*, que foi vinculada à do Sagrado Coração de Jesus; e a de Nossa Senhora Auxiliadora, que foi unida à de Nossa Senhora da Conceição realizada no dia 8 de dezembro.²⁹ A Portaria que dispõe sobre essa questão determinou ainda que, nessa última procissão poderiam sair as imagens de São Benedito, São Sebastião e de outras invocações, ficando os fiéis responsáveis por promover o culto dessas devoções em suas respectivas igrejas.³⁰ A atitude de D. Fernando causou descontentamento e revolta entre as irmandades religiosas.

Embora houvesse uma grande preocupação do bispo para que as festas religiosas destacassem seu aspecto tradicional litúrgico, observamos, em alguns municípios do interior, a manutenção de tradições consideradas profanas, como a Puxada do Mastro de São Benedito, realizada no município da Serra nos dias 25 e 26 de dezembro de 1910.³¹ Em menor proporção, as ações de D. Fernando também repercutiram sobre as imagens religiosas das igrejas do Espírito Santo, como ocorreu em São José do Calçado, localidade na qual esse bispo mandou retirar de culto a imagem de São Benedito também por ser “muito imperfeita”.³²

²⁷ NOVAES Maria Stela. *Um bispo missionário*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, [19—]. p. 172.

²⁸ ———, p. 172.

²⁹ LIVRO DE PORTARIAS E ORDENS EPISCOPAIS (1897-1913), p. 85.

³⁰ LIVRO DE PORTARIAS E ORDENS EPISCOPAIS (1897-1913), p. 85.

³¹ A SERRA, Serra-ES, 3 jan 1911.

³² LIVRO DE PORTARIAS E ORDENS EPISCOPAIS (1897-1913), p. 184.

A atuação dos bispos D. Pedro Maria de Lacerda, D. João Batista Corrêa Nery e D. Fernando de Souza Monteiro no Espírito Santo, portanto, esteve pautada pelo projeto de romanização da Igreja Católica, buscando fortalecer o exercício dos sacramentos e implantar um modelo de espiritualidade mais ortodoxo, que seria exercido a partir das associações femininas. Um dos resultados foi o enfraquecimento do poder das irmandades religiosas. Quanto às festas religiosas e às imagens de devoção popular, apesar das tentativas de repressão, elas resistiram e desafiaram as orientações oriundas da política de romanização, deixando evidente a existência de acordos entre religiosos e fiéis para a manutenção dessas expressões populares.

Referências

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

A SERRA. Serra-ES. 3 de jan 1911.

ASSANO, Sandra Nui. Associação das Filhas de Maria: práticas religiosas e a construção de corpos femininos e castos em Diamantina/MG (1875-1902). *Em Tempo de Histórias*, n. 7, p. 1-20, 2003.

BRITO, Eliana Maria. *A romanização no Espírito Santo: D. João Nery (1896-1901)*. 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARNIELLI, Adwalter Antônio. *História da Igreja Católica no Estado do Espírito Santo: 1535-2000*. Vitória: Gráfica e Editora Jep, 2005.

LACERDA, D. Pedro Maria de. *Diários das visitas pastorais de 1880 e 1886 à Província do Espírito Santo*. Vitória: Phoenix Cultura, 2012. (Organização e coordenação editorial: Maria Clara Medeiros Santos Neves).

LACERDA, D. Pedro Maria de. *Livro de Visitas Pastorais feitas às freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Serra e Nova Almeida, 1880*. Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES.

LIVRO DE BATISMO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA SERRA (1881-1888). Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES.

LIVRO DE PORTARIAS E ORDENS EPISCOPAIS (1897-1913). Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES, livro n. 61.

LIVRO DE VISITAS PASTORAIS DE DOM JOÃO BATISTA NERY (1897-1908). Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES, livro n. 172.

LIVRO DE VISITAS PASTORAIS DOS BISPOS DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY (1897-1900) E DOM FERNANDO SOUZA MONTEIRO (1902-1905). Arquivo do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória-ES, livro n. 104.

NERY, João B. Corrêa. *Carta de mandamento estabelecendo a obra da caixa diocesana*. Vitória: Papelaria e Typografia de A. Moreira Dantas, 1897.

NOVAES, Maria Stela. *Um bispo missionário*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, [19—].

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades*, v. 2, n. 2, p. 24-34, ago./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=174>> Acesso em: 6 mar. 2012.